

Sexualidade Humana: 5 Uma Perspectiva Histórica

Mabel Cavalcanti¹

Parece ter sido Goethe quem afirmou que “a história de uma ciência é a própria ciência”. De acordo com esta concepção, quando se traça a perspectiva histórica da sexualidade humana estamos, de alguma forma, investigando a conduta sexual do homem sob o aspecto científico.

Como não é possível sintetizar tantos séculos em tão pouco tempo, vamos dar mais ênfase à sexualidade do homem pré-histórico e a de certos povos antigos.

É interessante observar que, neste passeio, se tem a oportunidade de esclarecer muitas das perguntas atuais sobre sexualidade, porque elas já foram, de alguma forma, respondidas ou questionadas por nossos antepassados.

Não é fácil traçar hoje um roteiro da vida do homem pré-histórico, e só podemos, de alguma forma, realizá-lo através dos restos arqueológicos e dos estudos etnográficos. Os dados arqueológicos nos dão idéia da tecnologia e dos costumes daqueles povos, e através dos recursos etnográficos podemos fazer a comparação dos artefatos encontrados nas jazidas pré-históricas com aqueles que ainda hoje são usados por grupos primitivos que habitam nosso planeta.

Nos primeiros tempos da humanidade, as diretrizes do comportamento do homem eram ditadas por deuses e demônios. Era o que se chama de etapa mágico-religiosa. Religião e magia sempre foram irmãs gêmeas. Pela religião o homem reverencia o sobrenatural ou tudo aquilo que ele desconhece; pela magia ele tenta manipular esse desconhecido.

1. Psicóloga.
Recebido em 8/4/90

Esta visão antropossociológica da história da humanidade nos permite entender muito mais a sexualidade humana do que se olhássemos apenas a simples evolução biológica do homem como indivíduo. Estudando as modificações sócio-culturais através dos séculos, é possível perceber como o homem conseguiu suprir seus desejos básicos, notadamente os da fome e os do sexo. Estes estudos têm também a grande vantagem de nos mostrar que existem numerosas variações de cultura nas diversas sociedades, e que, em cada um destes grupos, a conduta e as preferências sexuais variavam de um indivíduo para outro.

É nos ciclos culturais sucessivos que podemos situar e descobrir a gênese dos comportamentos sexuais de hoje. A sexualidade que vivemos nada mais é do que aquilo que a humanidade fez dela, ou o que foi obrigada a fazer, face às contingências ambientais.

Para melhor nos situarmos, vamos, de modo sintético, tentar enfocar a sexualidade sob os aspectos da reprodução, prazer e amor ao longo dos séculos.

No que diz respeito à reprodução, embora o tema esteja envolto por muita nebulosidade, tudo faz crer que nas fases mais antigas o homem não associava o sexo com a gravidez. A gestação era considerada como sendo um acontecimento mágico, um presente dos deuses, tanto quanto a fertilidade da terra. Talvez tenha sido por esta razão que, nas tribos que iniciavam a atividade agrícola, a função da semeadura era realizada pelas mulheres.

Sabemos que, ainda hoje, entre certos povos primitivos, como os nativos da Austrália, a idéia do sexo/reprodução não está bem elaborada. Entre os Aruntas, por exemplo, existe a crença de que os espíritos infantis habitam determinados totems e que, sob certas condições, eles podem penetrar no corpo das mulheres. Mais interessante ainda é a idéia dos antigos habitantes da Nova Guiné que acreditavam haver uma total independência entre o ato sexual e a gravidez. Eles afirmavam que as mulheres gestavam, primeiro, no coração, com amor, e só depois o feto se deslocava para o útero. O lirismo desta concepção nos dá também a dimensão e o valor conferido à mulher nestas culturas primitivas.

Em contrapartida, o homem, nos estágios mais primitivos de nossa evolução, buscava a mulher apenas para acalmar suas tensões sexuais. Nesta procura, a violência geralmente era a tônica e a posição do coito era a mesma dos outros primatas, numa flagrante identificação com o reino animal. Não é de admirar, portanto, que nesta época a valorização das nádegas, como atrativo erótico, fosse máxima.

Quando se tem a possibilidade de observar as estatuetas das

Vênus pré-históricas, vemos a nítida preocupação em ressaltar as ancas, as nádegas, os seios e o ventre. Há descaso pela cabeça, pelo rosto e até pelos ombros. Isto se pode observar claramente com a Vênus de Lespugne, entre outras. De todas, porém, a mais obesa é a chamada Vênus de Willendorf, encontrada na Austria. A monstruosidade de suas formas supera todos os padrões surrealistas modernos, mas como o conceito de beleza é muito relativo, talvez ela tenha sido uma espécie de protótipo paleolítico da Garota de Ipanema.

Há quem afirme que a acentuação das formas, notadamente a dos seios, tem relação com o culto à fertilidade. Parece, no entanto, que foi a preocupação erótica que inspirou estes artistas pré-históricos, tanto na confecção das estatuetas quanto das pinturas rupestres que são encontradas no interior das cavernas. Aliás, muitas delas fariam inveja aos mais capacitados pintores de banheiro da atualidade.

Um fato que corrobora a inspiração erótica de nossos antepassados mais distantes é a própria característica da vida econômica dessas populações primitivas. Vivendo da caça, da pesca e da colheita de frutos, eles eram obrigados a se deslocar com frequência de uma região para outra. É claro que estes indivíduos não estavam muito preocupados em exaltar a maternidade, uma vez que uma prole numerosa certamente dificultaria as constantes caminhadas de sua vida nômade.

Há também dados antropológicos, muito convincentes, que demonstram que, nesta época, o infanticídio era prática comum de controle populacional. É preciso entender que o homem era um mero deprimido da natureza e qualquer ameaça de superpopulação acarretava um perigo para a tribo. Não havia, portanto, porque exaltar a maternidade e a procriação.

Esta exaltação ocorreu sete milhões de anos mais tarde, quando começou a chamada revolução agrícola, com o homem se fixando na terra e dela procurando tirar o seu sustento.

É preciso esclarecer que a revolução agrícola, ou seja, a modificação da condição nômade para sedentária, não se deu simultaneamente em todas as tribos. Algumas permaneceram no estágio da caça, mas outras foram se estabelecer nos vales, à beira dos rios, para viver da terra como lavradores.

A atividade de pastoreio ainda, de uma certa forma, implicava em deslocamentos em busca de pastos melhores, mas as tribos, à medida que domesticavam o gado (eqüinos e caprinos) já se fixavam em uma determinada região. A agricultura, no entanto, foi que determinou a necessidade de criar vínculos muito mais estreitos com a terra. O agricultor é basicamente um sedentário, agarrado ao solo, tão

preso a ele como as raízes das plantas que cultiva.

Ao assumir o papel de lavrador, a prole passou a ser considerada uma coisa muito importante. O homem passou a se preocupar tanto com a fertilidade do solo quanto com a fecundidade de suas mulheres. Filhos, sobretudo os do sexo masculino, eram importantes para a defesa do território e o cultivo da terra.

Datam desta época os chamados cultos à fecundidade, e a mulher, tanto quanto a terra, passou a ser venerada por sua capacidade procriativa. Deusas da fertilidade proliferaram; cada tribo inventava suas próprias divindades, dando-lhes sabedoria e onipotência, para depois curvarem-se diante da própria criação, adorando-a. E não ficavam somente nisto. Para ampliar os domínios de sua crença, conquistavam outras tribos, subjugando-as e impondo-lhes seus credos e divindades. Nesta etapa da vida pré-histórica, a religião universalizava a cultura.

Nos ritos, onde abundavam oferendas, danças e cânticos, os sacrifícios tinham um lugar proeminente. Como a morte está muito vinculada à perda de sangue, o valor do sangue fica associado à vida, daí os sacrifícios com imolação de animais e pessoas, com o sangue correndo abundantemente pelos altares. Provavelmente seja esta a origem mais distante dos mitos sobre a menstruação. A mulher menstruada "perdia vida", algo mágico e inexplicável, daí o temor e os tabus ligados ao catamênio. Toda uma concepção mítica se formava em torno deste fato nuclear. A menstruação era algo que eles não sabiam explicar, passando então a ser evitada, as pessoas fugindo dela, como coisa perigosa e impura. Em nossos dias o tabu da impureza ainda vigora entre os judeus ortodoxos, sendo muito encontrado, de forma atenuada ou dissimulada, em toda a civilização ocidental.

A importância do sangue na religião e na magia é tão grande que, entre os primitivos habitantes da Austrália, no ritual da puberdade masculina, um ato sangrento (um pequeno corte perto do escroto) concedia aos rapazes o mesmo direito que era dado às raparigas púberes.

Mas, o fato é que o homem ainda não era visto como elemento fundamental no processo reprodutivo. A reprodução era prerrogativa exclusiva da mulher, e praticamente todos os deuses eram do sexo feminino.

Com o passar dos tempos, pouco a pouco, crescia a consciência do papel do homem na reprodução. Basta observar que entre os Buka, tribo primitiva das Ilhas Salomão, embora desconhecessem o poder criador do sêmen, eles acreditavam que era essencial, para a mulher ficar grávida, que o homem introduzisse o pênis dentro da

vagina. Era como se o pênis, exercendo seus movimentos, aprovasse a gravidez.

Tannahill refere que foi a observação do cruzamento de animais a do tempo de duração da gravidez, a partir do coito, que fez com que o homem começasse a perceber seu enorme potencial reprodutor. Afinal; se um só carneiro podia fecundar mais de cinquenta ovelhas, o que não poderia fazer um só homem. Começa aí as sementes do sexismo machista.

Na organização da vida religiosa, ao lado das deusas da fertilidade, começam a aparecer deuses masculinos. Culto à vulva e culto ao penis. Mas este equilíbrio foi muito passageiro. O esquema primitivo não tardou a se inverter. O falo passou a ser o símbolo da força, da fertilidade, o talismã contra a esterilidade.

Nos ritos de criação o pênis aparece, de forma clara ou simbólica, representado por peixe ou serpente, mas sempre com um papel preponderante. A serpente, provavelmente por sua forma, foi amplamente venerada como um símbolo fálico. Nos templos gregos era comum se encontrar serpentes vivas, junto às sacerdotisas nuas. Tornou-se famoso, no Oráculo de Delfos, o culto a Piton, a serpente sagrada.

Nas escavações da Babilônia, Índia, China, Sudão, Palestina, França, Córsega, México e Argentina foram encontrados vestígios deste culto.

Conta-se que na Alexandria havia uma procissão com um falo gigantesco, de cerca de 120 braças de comprimento. Monumentos de pedra com falos de 1,80 a 3,0 metros de altura são freqüentemente encontrados na Ilha de Córsega. Contudo, de todas as representações líticas, as mais notáveis são as duas estátuas de enormes pênis, com 60 metros de altura cada uma delas, que montavam guarda no templo de Vênus, em Herápolis. Embaixo delas era bem visível a inscrição: "Consagrei estes falos a Hera, minha sogra". A razão desta homenagem ainda hoje está para ser esclarecida..., mas o fato é que as pessoas iam para o alto destes pênis orar, fazer abstinências e sacrifícios.

A deificação do falo pode ser exemplificada com a veneração a Priapo, o qual mantinha um enorme penis ereto. Priapo, na mitologia grega, simbolizava a fartura e a fertilidade, daí o porque agricultores e pastores lhe emprestavam tão grande apreço.

Entre os romanos era comum os amuletos em forma de pênis e até um pênis alado era colocado no pórtico das residências, encimado pela inscrição: "Hic habitat felicitas" (Aqui mora a felicidade).

O culto fálico não é só observado entre os gregos e romanos. Vemos sua presença nos hindus, nos japoneses e até em algumas tri-

bos de negros africanos. Na própria França, conta-se que perto da vila de Gueret se cultuava São Greluchon. O santo era representado pela imagem de um frade com pênis ereto, escondido sob a túnica eclesiástica.

Ainda hoje sofremos a influência destas crenças. Uma delas é a linguagem fálica das mãos, onde o dedo médio em riste representa o pênis, enquanto o indicador e o anular dobrados fazem as vezes de testículos. A “figa”, que se representa colocando-se o polegar entre os dedos médio e indicador, é outra simbolização peniana. Para alguns povos ela é mais do que isto, é um convite à cópula. Em certas regiões rurais da Europa fazer figa é um tremendo insulto, em outras, é uma forma discreta de “cantada”.

No Brasil a figa assume uma conotação mítica e protetora, dando sorte a quem a usa, defendendo-o contra todos os males.

É interessante observar que não é só o aspecto qualitativo que marca o culto fálico através da história. É também importante as dimensões do pênis, e esta preocupação quantitativa chega a ser de tal forma que se julga o homem pelo tamanho do pênis que possui. Quanto maior o pênis mais macho era o indivíduo. De alguma forma, este mito chegou até nossos dias, infernizando as pessoas que possuem pênis pequenos.

Uma etapa mais avançada sobre as idéias do sexo/reprodução é aquela em que se atenua a importância fálica e se passa a considerar a mulher mais do que um simples receptáculo para o desenvolvimento fetal. Ela ganha o status de colaboradora no processo da criação.

É interessante observar como esta colaboração se efetua. Como sempre, há uma tendência de confluírem mitos distintos. Entre os Wogee da Nova Guiné, é da mistura do sangue menstrual com o esperma que nascem os filhos. Numerosas crenças proliferam nesta mesma linha. Até mesmo o grande Aristóteles (*De Geracionem Animalibus*) afirma que a mulher contribui para a gestação com o sangue menstrual. Para Hipócrates e Galeno a contribuição são as secreções da vagina.

Os costumes variam de povo para povo mas sempre se encontra a idéia do sexo ligada à função reprodutora.

Entre os índios Bororós há uma crença de que as crianças são geradas em múltiplas cópulas, com vários homens. Deste modo, é desejável a relação sexual com parceiros diferentes. Em contrapartida, os índios Man, da Guatemala, afirmam que a mulher que cópula duas ou três vezes com o marido e não engravida é adúltera. Isto porque, para eles, ter relação com mais de um homem impede a concepção. Mais fantástica ainda é a idéia dos índios Kubeo que proíbem o coito da mulher durante a gravidez. Dizem que se a mulher

continuar a copular, pode acumular tal número de fetos no abdômen que terminará por explodir.

Embora seja encantador estudar as relações entre sexualidade e reprodução, é preciso valorizar as etapas em que o homem primitivo passou a olhar o sexo em um sentido mais de prazer do que de procriação.

Quando na evolução biológica o homem assumiu a posição ereta e, sobretudo, quando se difundiu a cópula face a face, os conceitos de beleza começaram a ser modificados. A atração das nádegas passou a ser substituída pela beleza do rosto, dando origem ao aprimoramento dos cosméticos, destinados ao embelezamento facial. Paralelamente, os seios foram também hipervalorizados como regiões eróticas. Os povos foram deixando de ser “bumbundófilos” e passaram a ser “mamófilos”. É claro que esta fixação nem sempre obedece a uma necessária ordem de aprimoramento específico. No Brasil, por exemplo, as nádegas são muito mais admiradas do que os seios.

A idéia do sexo ligado ao prazer é bem definida pelos gregos. Eles chamavam de Eros ao amor carnal, bastante diverso do amor puro, espiritualizado, e que intitulavam de Agape. Ambos eram distintos de Filos, que indicava afeição e amizade.

É próprio do pensamento grego estabelecer, no homem, uma natureza dicotômica. O ser humano é definido como sendo “animal racional”. Racional porque é dotado de razão e de valores espirituais; animal porque é possuidor de um corpo que está cheio de necessidades físicas para sua manutenção. É neste sentido que se deve entender a conceitualização de Eros e Agape. Eros é biologia pura, falta-lhe a humanização que caracteriza a “pessoa humana”. Ele é a afinidade de corpos e, como tal, encerra sensualidade a sexualidade. Seu imperativo é egoístico. “Eu quero” é a tônica. Há todo um compromisso de prazer a de posse, mas não há necessariamente nenhum vínculo de permanência. Por esta razão, Eros deseja a variação constante em sua eterna busca pelo prazer.

O espírito dual dos gregos aplicava-se à constituição da família, sendo possível distinguir muito claramente o papel das “esposas” a das “heteras”. As esposas eram para o governo da casa, para procriar e criar filhos, mas não para a satisfação sexual. Nestas condições, não era de admirar que elas procurassem nos relacionamentos homossexuais, ou com o emprego dos dildos (pênis feitos artificialmente e compartilhado geralmente por muitas damas), o prazer que lhe era negado pelo esposo.

O sexo/prazer era destinado às heteras. Algumas delas foram famosas na Antigüidade: Tais, a bela amante de Alexandre Magno;

Aspásia, a inteligente companheira de Péricles; para não falar em Frinéia, Filomena, Rodopis, Glicera e tantas outras que subjugaram, pelo prazer, homens que dominaram impérios e escreveram a história de nossa civilização ocidental.

A diferença entre Eros e Ágape é tão significativa que um mesmo indivíduo pode possuir os dois amores, cada um deles com um objeto diferente. Amar sexualmente uma parceira e espiritualmente outra.

Renascendo das ruínas da civilização greco-romana, o cristianismo continuou a admitir que o sexo fazia parte do componente animal do homem. Durante muitos séculos a Igreja considerou o amor sexual como um amor inferior, apenas admitido com a finalidade de procriação. É que o código da moral cristã estava baseado na noção de “natureza”, considerando-se que um ato é bom quando está de acordo com os propósitos da natureza e ruim quando não está dentro destes propósitos. Assim, fome e sexo se equilibram em valores de permanência: a fome preserva o indivíduo; o sexo preserva a espécie. Ainda hoje este conceito persiste nas alas mais conservadoras, considerando-se que o verdadeiro amor que enobrece o homem é o amor espiritual, uma espécie de amor superior, assexuado, digno da condição racional do homem. É interessante como se estabelece assim um paradoxo: o amor sexual, inferior, gerando o amor espiritual, superior. Isto porque sem sexo não haverá indivíduo e sem indivíduo não haverá amor humano espiritual.

É interessante observar que, do ponto de vista moral, estas duas concepções prevalecem alternando-se através dos tempos: ora indulgente e tolerante, ora repressiva e tirânica. Usando o pecado e a vergonha como forma de controle, a moral do comportamento sexual vai regendo os povos ao longo de suas existências.

É preciso que nos libertemos do dualismo grego e passemos a observar o amor sexual não como uma forma superior ou inferior ao amor espiritual. Na própria natureza do homem o “racional” e o “animal” estão intimamente unidos, assim também devem estar o amor sexual e o amor espiritual. Mesmo porque, se quisermos fazer uma avaliação correta entre o que é “normal” e “anormal” no comportamento humano, devemos admitir que o conceito de normalidade nem sempre está atrelado ao da natureza biológica. “Normais” são também as pautas de conduta adotadas pela coletividade e não apenas aqueles comportamentos que procuram satisfazer as necessidades puramente biológicas da natureza.

Sem desejar subestimar as variáveis orgânicas, é necessário acrescentar à natureza humana os componentes culturais. Dentro desta ótica, é possível entender como variações: a feação, a cunilín-

gua, a masturbação, a contracepção que, naturalmente, repugnam os moralistas ortodoxos que, presos ao conceito restrito da “natureza”, consideram tais atos como anti-naturais.

De tudo isto resta-nos uma grande lição. Sexo simplesmente como forma de prazer ou simplesmente como forma de reprodução dá uma idéia incompleta da sexualidade e não satisfaz o homem. Ele é as duas coisas e mais ainda, ele é acima de tudo uma forma de comunicação. Eric Berne afirma que “a humanidade deu um grande salto ao separar os prazeres do sexo de seu propósito biológico meramente reprodutivo”. O homem é a única forma de vida deste planeta capaz de fazer semelhante arranjo. Arranjos que poderão levá-lo a um patamar mais sólido. Quebrando as barreiras do seu isolamento psico-físico, o homem pode se prolongar em sua parceira como uma forma mística de comunhão primordial. Este sentido místico se observa nas religiões orientais.

Sexo é comunicação amorosa e, como se trata de uma atividade a dois, faz-se necessário uma retro-alimentação de informações, o que amplia ainda mais a estimulação erótica. Sexo é diversão, prazer, êxtase. É a soma total de Eros e Ágape. Vivendo a plenitude da sexualidade, dando e recebendo amor, é que seremos capazes de planejar a reprodução num clima de respeito a de decisões mútuas. Só assim o exercício do comportamento sexual alcançará sua forma mais criativa, mais prazerosa, mais íntima e mais perfeita de comunicação humana.